

São Paulo, JULHO de 2005.

Olá caros leitores,

Neste mês, o assunto é o evento "*A Esperança como Princípio na Clínica e na Ação Social*", ministrado pelo psicanalista e professor Luís Cláudio Figueiredo.

E, introduzindo, o assunto da presente edição, a palavra esperança me traz a mente um lindo poema de Lya Luft, retirado do seu livro *Perdas & Ganhos*:

*Foram-se os amores que tive
ou me tiveram:
partiram
num cortejo silencioso e iluminado.
O tempo me ensinou
a não acreditar demais na morte
nem desistir da vida: cultivo
alegrias num jardim
onde estamos eu, os sonhos idos,
os velhos amores e seus segredos.
E a esperança – que rebrilha
como pedrinhas de cor entre as raízes.*

(Secreta
Mirada, 1997)

Boa leitura !

Atenciosamente,

Débora Andrade
Psicanalista

Caso não se interesse em continuar recebendo o Projeto Instigar, avise por e-mail ou fone
www.projetoinstigar.com.br – contato@projetoinstigar.com.br – 11-5506-6916

Quer participar do Projeto Instigar de alguma outra forma?

Contribua como quiser ! Manifeste-se ! Entre em contato e compartilhe sua idéia !
envie email para contato@projetoinstigar.com.br

Quer instigar um amigo ?

Envie os dados (nome completo, e-mail e endereço de correspondência) e ele receberá a próxima edição do Projeto Instigar. E se quiser instigá-lo especificamente com uma das edições anteriores, avise com qual.

Quer sugerir um tema para ser abordado em um dos artigos ?

Envie email para contato@projetoinstigar.com.br comentando sobre que assunto gostaria de ver em artigo.

BIBLIOGRAFIA

Figueiredo, Luis Cláudio – *"Psicanálise Elementos para a clínica contemporânea"* – Editora Escuta.

Klein, Melanie – *"Amor, culpa e reparação e outros trabalhos"* – Editora Imago

Meltzer, Donald – *"A apreensão do belo"* – Editora Imago.

Segal, Hanna – *"Sonho, Fantasia e Arte"* – Editora Imago.

Bollas, Christopher – texto *"A mãe palhaça"*

Aulagnier, Piera – *"Um intérprete em busca de sentido"* – Editora Escuta.

Spinoza, Baruch – *"A Ética fundamentada pelo método geométrico"*

Block, Ernest – *"The Principle of Hope"* – Editora MIT Press.

Block, Ernest – *"The Utopian Function of Art and Literature"* – Editora MIT Press.

Luft, Lya – *"Perdas & Ganhos"* – Editora Record

A Esperança como Princípio

Introdução

Na edição anterior, comentei com vocês dois aspectos que gostaria de retomar resumidamente nesta introdução:

- O primeiro, diz respeito ao desamparo – que é eterno – como condição do ser humano. E sendo ele eterno, o que pode mudar são apenas as formas de se lidar com ele.
- O segundo, interligado ao anterior, diz respeito ao posicionamento da “cura”¹ psicanalítica como sendo a desilusão – a quebra das ilusões.

Mas quão árida não seria a vida, se pensássemos simplesmente em total quebra de ilusões e, em desamparo como condição de ser um ser humano ??

Buscar formas menos sofridas para se lidar com tudo isto, exige esperança...

Particpei de um evento intitulado “*A Esperança como Princípio na Clínica e na Ação Social*”, ministrado pelo psicanalista e professor Luís Cláudio Figueiredo. O texto da presente edição é baseado nas anotações que fiz durante o evento, e tenta seguir a linha de raciocínio deste psicanalista. Obviamente que com alguns pequenos cortes e adendos que me permiti fazer, expressando a minha compreensão do que foi discutido. Novamente, este é um *resumo light*, onde tento apresentar os conceitos de uma forma “leiga”, evitando os jargões técnicos normalmente utilizados na área.

Ementa

“Esperanças freqüentemente decepcionam. Por isso, muitas vezes estão associadas ao medo e aos sentimentos de ameaça. Ingenuidade crédula e desconfiança quase sempre caminham de mãos dadas.

No entanto, a vida psíquica dos indivíduos e das coletividades depende de um lastro de esperança, sem o qual tendem à estagnação, seja nos estados depressivos, seja nos de agitação. Esta é a esperança como princípio, indispensável tanto na clínica psicanalítica, como na ação social. Elevar a esperança à condição de conceito é o que vem sendo tentado por diversos pensadores da Psicanálise e da história.”

1. Esperança regressiva

O primeiro tipo de esperança apontado tem a ver com nostalgia... Esperança dita como nostálgica – ou regressiva – que tem como objetivo voltar a uma situação anterior de preenchimento idealizado.

Esperança de resgatar algo que, hoje – frente a sua ausência – se julga como algo ideal. Resgatar algo idealizado, por assim dizer “objeto”, representando

¹ Note que a palavra “cura” está proposicionalmente entre aspas, uma vez que é impossível curar alguém de si mesmo.

uma pessoa ou uma situação. Um objeto que traz uma lembrança de experiência de plenitude. Plenitude esta, que contrasta com a condição humana de eterno desamparo. E por basear-se nesta ilusão de uma vivência de plenitude, tal objeto torna-se idealizado.

O filósofo espanhol Spinoza já falava disto, em seu livro sobre Ética, como uma "*esperança triste*". Examinando sob a perspectiva da totalidade humana, posicionava como se a esperança e o medo sempre viessem juntos.

Como muito bem nosso intelecto sabe, não há objetos puramente bons ou maus. E, a propósito, falo em nosso "intelecto saber" disto, pois o que "*sabemos*" e o que "*sentimos inconscientemente*" são em verdade, duas instâncias que operam de forma completamente diferente e não necessariamente concordam entre si...

Pois bem, neste tipo de esperança regressiva, onde vão parar os maus aspectos deste objeto idealizado como "bom"?

Corriqueiramente as defesas psíquicas projetam estes maus aspectos para fora do objeto idealizado, mantendo-o como imaculado, e constituindo assim "ameaças externas". O humor fica então alternando, como um pêndulo, entre esperança e uma espécie de terror. Sendo a desesperança exatamente o que ocorre no momento de terror. O objeto idealizado, que irradia esperança regressiva, é constantemente ameaçado...

Esta é uma esperança que busca agarrar-se em garantias... E, por mais contraditório que possa parecer, é uma esperança debilitante. Debilitante porque, nos dois casos extremos, há uma perda de contato com o objeto real.

Afinal, é o mesmo objeto quem faz tanto o papel de sedutor como o de ameaçador. A ameaça vem do risco do objeto não ser alcançado, ou muito pior do que isso, ao ser finalmente alcançado o objeto deixar de ser idealizado, uma vez que as ilusões de perfeição em relação a ele serão inevitavelmente, mais cedo ou mais tarde, quebradas em função do próprio teste de realidade...

Mas até que ponto, uma esperança baseada em cegos ideais e em ilusões, se sustenta? Não estaria, simplesmente, a serviço de mascarar a verdade? E mascarar isso de quem ??

Amadurecer não envolve, justamente, encarar suas próprias verdades pessoais? Por mais que isto possa doer... num primeiro momento simplesmente aceitá-las. E então aprender a conviver melhor com elas, ou a transformá-las.

Certamente a psicanálise está a serviço disto: aproximar o sujeito da sua própria verdade pessoal.

"Como se verifica em qualquer psicoterapia, não adianta recusar nossas caretas. Mesmo que elas nos pareçam grotescas, é melhor aceitá-las, assumi-las, examiná-las com carinho e enxergar nelas as razões possíveis de um.

apreço. Ou seja, em vez de querer ser outro, é mais interessante inventar o que podemos fazer com o que somos."

Contardo Calligaris - da crônica "Made in Brasil"

2. Esperança como princípio

A proposta do psicanalista Luís Cláudio Figueiredo é tomar a esperança como princípio². E apresenta isto em uma sequência muito interessante, com livre possibilidade de sobreposição, de estágios ou dimensões.

O fundamental para a esperança como princípio, é ter a capacidade de articulação da ausência e da presença do objeto. E aqui não falo mais de objeto idealizado, mas simplesmente de objeto desejado. Esta capacidade de articulação envolve tolerância a frustração. Que é algo que iniciamos a exercitar ainda quando bebês, com a alternância da presença e da ausência do nosso primeiro objeto de amor: a mãe.

Em seu livro "*Apreensão do belo*", Meltzer fala da busca do verdadeiro e do belo nesta primeira relação de objeto que temos na vida: a relação mãe-bebê. Sendo este o principal antídoto natural contra uma "*desesperança congênita*".

Integrar os aspectos positivos e negativos do mesmo objeto é um caminho interessante nesta sequência. Fazendo emergir um outro tipo de esperança, não necessariamente sustentada sobre ilusões, mas que tolera bons e maus aspectos do mesmo objeto. Este sim, é um tipo de esperança madura, pois possui capacidade reparadora aos danos causados pelos maus aspectos do objeto desejado, embutindo assim gratidão e perdão.

Uma outra dimensão, seria a esperança que se liga ao processo identificatório. Desenvolver a habilidade de projetar para si metas, modelos, e ideais a serem perseguidos. Porém ideais realistas, completamente desprovidos de idealizações ingênuas. Em uma espécie de: "*não sou, mas posso vir a conseguir*"...

Mas isto pressupõem experiências bem sucedidas de elaboração de perdas, ou processo de elaboração de luto – sendo luto aqui não simplesmente como a morte de uma pessoa querida, mas como perdas em geral. Vivenciar este processo de luto envolve a capacidade de suportar a dor da perda, reconhecer o inevitável desta dor, e a capacidade de minimamente, com o tempo, reduzir a dor relacionada a esta perda – ou desapegar-se psicicamente.

Hanna Segal introduz o que vai além da reparação proporcional. Fala de *reparação criativa* – aquilo que move o criador – que vai na direção de uma esperança de oferecer ao mundo.

² Princípio: 2. Causa primária. 3. Elemento predominante na constituição de um corpo orgânico. 7. Proposição que se põe no início de uma dedução, e que não é deduzida de nenhuma outra dentro do sistema considerado, sendo admitida, provisoriamente, como inquestionável.

algo melhor do que dele se recebeu. É uma modalidade intensa de esperança, onde há uma projeção para o futuro de algo que, a rigor, nunca existiu no passado.

É viver criativamente !

Esperança como aposta... E, até aqui, estou falando de esperança sob o prisma individual, subjetivo.

Não é interessante pensar, também, em apostas recíprocas e entrelaçadas entre indivíduos? Não seria este um dos diversos aspectos que os mantém inconscientemente unidos?

E qual é a sua *dimensão inconsciente* de esperança ?

1. Esperança e utopia

A articulação realizada no evento entre esperança e utopia foi muito interessante... lembrando que a perspectiva aqui apresentada é a psíquica. A perspectiva de possibilidades em um processo psicanalítico.

Baseando-se em Ernest Block, que foge do conceito tradicional de utopia como um projeto irrealizável, e coloca-a como independente de um projeto intelectual.

Ele fala de utopia como acessar na realidade presente, e no passado, aquilo que abre campos novos de possibilidades para o futuro.

Ao invés de defrontar-se com as defesas psíquicas e medos, ir atrás do grão de esperança. Buscar uma aspiração, enquanto antecipação. Buscar a possibilidade de desejo de transformação... Buscar aquilo que ainda está como potencial latente...

"Pensar significa aventurar-se além" – Block fala em fazer do pensamento um trânsito, usando-se para isto, da paixão pela vida.

Mas como transmitir isso?

O psicanalista Contardo Calligaris escreveu uma coluna sobre o filme *Big Fish*, onde ele fala sobre o desafio de transmitir para os filhos a paixão pela vida.

Vale a pena ler !

Transcrita a seguir....

"Peixe Grande" e a paixão pela vida

Contardo Calligaris – psicanalista

Transcrição da coluna publicada na Folha de São Paulo em 26/fev/2004.

" Na semana passada, estreou "Peixe Grande", de Tim Burton. O filme é maravilhoso e tocante. Conta como, de um pai para o filho, transmite-se um bem precioso: a paixão pela vida.

A história é a seguinte: um filho passa a infância boquiaberto, escutando o pai, que não pára de narrar suas aventuras mirabolantes. Ao tornar-se adulto, o filho não agüenta mais: as narrações paternas lhe parecem fanfarrices. Quando o pai está próximo da morte, o filho volta para casa, decidido a entender o tamanho e a razão das "mentiras" paternas.

Difícil dizer se as histórias contadas pelo pai eram mentiras ou não. Mas tanto faz: o que o filho descobre é outra coisa e mais importante. De que se trata? Para termos vontade de viver, não basta dispor do famoso instinto de autopreservação. Claro, reagimos imediatamente a situações de perigo. Se o corrimão da sacada balançar de repente, evitaremos cair no vazio jogando nosso peso para trás. Fato notável, o reflexo funcionará mesmo se estivermos deprimidos e prestes a cometer suicídio, de revólver na mão.

Essa contradição sugere o seguinte: o instinto de autopreservação não se confunde com a vontade de viver. O gosto pela vida não vem com o pacote genético: é uma paixão que nos é transmitida de maneiras diferentes, segundo a cultura, a época e a família em que nascemos.

Os pais podem inculcar no filho a vontade de viver para que o rebento realize as ambições nas quais os genitores fracassaram: "Viva, filho, para nos dar uma segunda chance". Na mesma linha, encontra-se: "Viva e reproduza-se para que a família continue", "viva para honrar os preceitos dos antepassados ou da religião" e "viva feliz para mostrar ao mundo que nós, seus pais, fizemos um bom trabalho". Em todos esses casos, a vontade de viver é transmitida como um mandato que se justifica por razões externas à própria experiência da vida.

Ora, sou pai de três rapazes. Gostaria de lhes transmitir uma paixão pela vida que não dependesse da realização de sonho algum, ainda menos de um sonho meu. Gostaria que eles encontrassem sua razão de viver não alhures (numa obrigação ou mesmo nos grandes princípios que dirigem suas ações), mas na própria experiência da vida que levam, em seus momentos felizes ou tristes, jocosos ou duros.

Mas como transmitir uma paixão pela vida em si?

O pai de "Peixe Grande" responde: para amar a vida, é preciso saber romanceá-la, não necessariamente devaneando que cada peixe pescado seja Moby Dick, mas vivendo a vida como uma aventura maravilhosa.

É impossível sair do filme sem pensar no pai da gente. Meu pai não gostava de contar em público suas façanhas. No entanto, não parava de maravilhar-se com a vida.

Até os meus sete ou oito anos, a cada vez que meu pai atendia o telefonema de um de meus colegas da escola, ele declarava, seríssimo: "Só um instante, Contardo está preparando a comida para a girafa" ou "Vou ver se pode, estava dando banho no hipopótamo, talvez tenha terminado". Mais de uma vez, tive que lidar com amigos furiosos, convencidos de que eu escondia um zoológico em casa e inconformados com meu egoísmo. Por que não permitia que os amigos brincassem com meus bichos?

Na época, eu detestava essas brincadeiras do meu pai. Hoje, acho que ele tentava me transmitir um pouco de sua capacidade de temperar a existência com pitadas de fantasia.

Durante 50 anos, meu pai manteve um diário. Sob pretexto de que sua caligrafia era ilegível, ele ditava o texto para minha mãe. Às vezes, eu ficava escutando atrás da porta. Odiava (e me fascinava) a transformação que as palavras do diário impunham a acontecimentos que eu tinha presenciado e que foram, a meu ver, insignificantes. Na descrição do meu pai, a banalidade do cotidiano se tornava uma vasta produção teatral cujo tema maior era sempre, aliás, o seu amor pela minha mãe.

Por exemplo, num vilarejo perto de Milão, numa tarde de domingo, com um frio de cão e uma chuva de afogar rãs, meu pai procurava o sacristão fantasma que talvez tivesse a chave de uma capela meio destruída, onde, segundo constava, sobravam os restos de um afresco do século 15. Minha mãe devia estar de saco cheio tanto quanto nós.

Mas meu pai ditaria esse transtorno como o encontro encantado do céu cinzento de Lombardia com o sorriso de minha mãe (que ele era o único a ter entrevisto), com a dedicação do sacristão (que, provavelmente, maldisse esse erudito que aparecia num domingo de inverno), com o sublime gesto do pintor (do qual gesto não sobrava quase nada) e, enfim, com o tormento e a esperança dos soldados que, num momento da Segunda Guerra, deviam ter encontrado amparo na capela, cujos muros eram grafitados por balas de metralhadora. Tudo isso convergiria para compor um momento mágico nas páginas do diário e, de fato, na vida dele.

Quando meu pai morreu, fiquei com seus diários. Leio de vez em quando. Não procuro informações sobre sua vida, apenas o segredo de sua paixão de viver e de amar."